

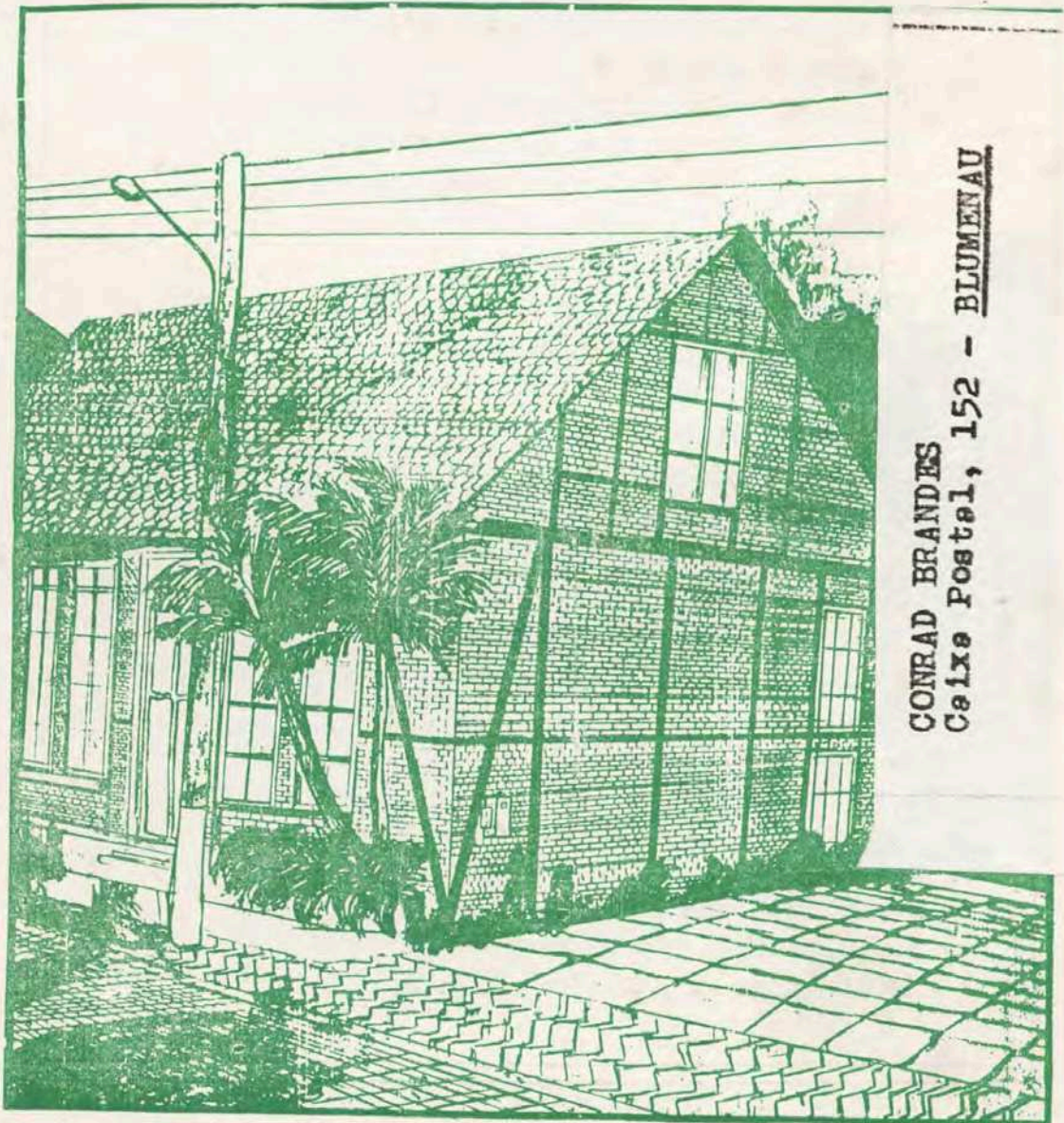
Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

Outubro de 1991

Nº. 10

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



CONRAD BRANDES
Caixa Postal, 152 - BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Outubro de 1991

Nº. 10

SUMÁRIO

Página

Reminiscências — O antigo Hotel Pauli — José Gonçalves	290
Um passeio até Pouso Redondo — Ass. P. H.	291
Subsídios Históricos — Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff	294
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio ..	296
Reminiscências Históricas — Atilio Zonta ..	299
Romancistas «Alemães» Catarinenses (1) — Prof ^a . Valburga Huber	300
Caiaçanga — Hermes Justino Patrianova ..	304
Antigos Povoadores da Praia Brava — Antônio R. Nascimento	305
Línguas estrangeiras... — Adolfo Bernardo Schneider	308
Influência do imigrante italiano na colonização do Vale do Itajaí — Dr. Giovanni Rossi	310
A hora mais solene e bonita do Dr. Hermann Blumenau	313
Economia na História ..	315
Aconteceu... Setembro de 1991 ..	318

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 10.000,00

Numero avulso Cr\$ 500,00 — Atrasado Cr\$ 800,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 15.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

O ANTIGO HOTEL PAULI

José Gonçalves

Durante os anos que vivi na localidade de Diamante, a cerca de 7 quilômetros de Rodeio, conheci um homem chamado Ricardo Pahl. Ele foi, durante muitos anos, empregado da firma Gadotti Irmãos, estabelecida naquela localidade com secos e molhados, ferragens, armarinhos, etc. Os irmãos Gadotti — Herminio e Antônio — também negociavam com produtos alimentícios, ou seja, cereais, como milho, arroz, feijão, farinha de mandioca, etc. Eram atacadistas, adquirindo tais produtos dos agricultores da região e o forneciam aos consumidores de Blumenau, através dos diversos comerciantes que existiam na época em nossa cidade.

Assim, Ricardo Pahl, uma ou duas vezes por mês, conforme as encomendas chegadas à firma, carregava um carroção que comportava bastante peso e quantidade de sacos de cereais, atrelava duas parelhas de bons cavalos e viajava para Blumenau. Ele fazia madrugada para poder chegar a Blumenau antes do anoitecer do mesmo dia. Eram cerca de 45 a 50 quilômetros a vencer.

Ao chegar a Blumenau, Ricardo Pahl hospedava-se no hotel de uma figura muito conhecida por ele e por outros carroceiros que chegavam a Blumenau e que denominavam o estabelecimento de hospedaria, de Hotel da Viúva Pauli. Ele comentava muito sobre o hotel elogiando o tratamento que recebia. Dizia que a carroça era guardada no porão do hotel e que os cavalos eram soltos numa pastagem que existia nos fundos do hotel e que permitia aos animais se refazerem do cansaço da viagem.

Alguns anos mais tarde, ao chegar com a minha família a Blumenau, para aqui fixarmos residência, por volta de 1934, encontrei o Hotel Pauli, tão popular naquela região do Diamante. O estabelecimento achava-se na esquina da rua 15 de Novembro com a atual rua Mal. Floriano Peixoto. Justamente aonde hoje está o prédio que até há pouco foi ocupado pelas Casas Pernambucanas. Era uma construção de estilo enxaimel, um pouco semelhante à ainda hoje existente arquitetura do Hotel Primavera, localizado na mesma rua. Toda a área em que hoje acham-se as construções, partindo da esquina até o Posto Blohm, inclusive no local em que se encontra o Hotel Rex, era ocupada pelo pasto pertencente ao Hotel Pauli. Era o abrigo dos carroceiros que chegavam a Blumenau.

Não tenho recordação da época em que o Hotel Pauli deixou de funcionar. Isto porque, do ano de 1936 até 1943, estive ausente de Blumenau, residindo em Joinville. E quando regresssei, em 1943, não mais encontrei o Hotel Pauli em atividade. Restaram apenas estas lembranças que aqui deixo registradas, da Blumenau da década de 1930.

UM PASSEIO ATÉ POUSO REDONDO

(Extraído do: Der Urwaldsbote nº. 51/52, Sábado 23/12/1911. Ano 19)

Há muito tempo tive a intenção de fazer um passeio para o planalto, mas a oportunidade nunca se deu. Um certo dia o senhor Zittlow, inspetor do telégrafo, me convidou para acompanhá-lo numa viagem de inspeção. Com prazer aceitei e em 17 de novembro pegamos o trem e partimos até a estação do Morro Pelado, de onde a viagem para a região serrana teria que ser feita sem este moderno meio de transporte. É possível viajar até o Braço do Sul de carroça mas, depois o burro assume o seu direito histórico como meio de transporte entre a serra e a região costeira.

Em Morro Pelado, pernoitamos confortavelmente na casa do senhor Waldemar Odebrecht. Juntaram-se a nós mais dois senhores. Infelizmente choveu a noite inteira. Declarei ao senhor Zittlow que iria voltar pois com este tempo a viagem se tornaria difícil e seria uma pretensão querer acompanhá-lo nestas circunstâncias. O senhor Zittlow disse que até o Braço do Sul o tempo mudaria e nós chegaríamos até lá e ainda poderíamos fazer o que bem entendesse. Ele vestira calças brancas, o que era um bom sinal para que o sol aparecesse. Com uma chuva fraca seguimos viagem.

Em alguns lugares a enchente arrancara praticamente a estrada. Algumas vezes fomos obrigados a andar sobre os trilhos ou ao lado deles, na linha para Hansa. Subimos o morro da Subida devagar. O céu nublado não nos permitia

uma boa visão. Paramos por algum tempo junto ao italiano Bussi e chegamos à serraria de Paul Zimmermann. No alto da Subida estabeleceu-se um alfaiate. A calça branca do senhor Zittlow fez a sua parte. A chuva parou e timidamente surgiu o sol. As estradas estavam terrivelmente enlameadas e os animais avançavam com dificuldade. A nossa próxima meta era Schroeder em Lontras. Ali almoçamos e descansamos um pouco. Continuando nossa viagem passamos por Matador e, felizmente, à noite alcançamos a balsa de Braço do Sul. A travessia sofreu muito com a enchente, mas o balseiro, armado até os dentes, nos levou sãos e salvos para o outro lado. Ali nos instalamos na casa do senhor Walter Baumgarten. A enchente causou grandes estragos em Braço do Sul. As belas plantações de centeio e batatas desapareceram. O local é interessante. Antigamente ali junto às terras de Rudolf Odebrecht, os selvagens promoviam suas festas. A tropa do senhor Leopoldo Knoblauch, sob direção de seu filho, nos aguardava. Estavam presentes os filhos do Senhor August Peters e os acompanhantes do inspetor do telégrafo. Eram ao todo 30 animais de carga e montaria. Na manhã seguinte, às 7 horas, foi iniciada a viagem. Éramos agora verdadeiros tropeiros. Estávamos montados em mulas com palas ou ponchos e seguíamos vagarosamente em direção ao planalto. Assim que passamos o Trombudo a vegetação foi aos poucos mudando. Se viu alguns pi-

nheiros e o coqueiro já se tornava mais raro e a floresta clareava.

Perto de Schmidt deixamos a estrada e atravessamos as terras de Reuter até o colono Krüger que vive isolado nesta paisagem selvagem. A estrada nos leva através de uma bela floresta de pinheiros. Junto a Krüger, fizemos uma parada onde os animais foram libertos da carga e selas para que pudessem pastar. A senhora Krüger fez café e nós devoramos um peru que ganhamos em Braço do Sul, no skat. Infelizmente aquele que realmente ganhara o peru, não ganhou nada. Era o senhor Oswald Odebrecht. O Senhor Krüger construiu um moinho mas os seus fregueses tinham que viajar meio dia para buscar a farinha. Perguntei-lhe se não havia sido molestado pelos bugres. Ele respondeu: «Já os senti muitas vezes e tenho certeza que nos observam. É preciso ter cuidado, e os membros da família não devem ficar todos juntos dentro de casa. Alguém sempre precisa ocupar-se fora, inclusive durante as refeições, para que os selvagens percebam que estamos atentos. À noite eles não vêm».

Depois de duas horas de descanso continuamos a viagem pela estrada principal, que merece uma descrição.

Imagine sulcos de arado de mais ou menos 50 cm. de profundidade em número de quatro a cinco um ao lado do outro. Esta é a estrada. Os animais caminham, nos sulcos e o cavaleiro deve levantar as pernas para não bater no mato ao lado da estrada. As árvores das laterais da estrada foram, em torno de 20 metros, cortadas, devido o perigo de um ataque dos bugres. E a vegetação que se desenvolveu é de mata baixa. Isto não quer dizer que o

perigo fora afastado. No entanto, antes a floresta vinha até a beira da estrada e os tropeiros podiam ser mortos com a lança. Muitas histórias de bugres nos foram contadas, confirmando a presença de cruces que se via ao longo da estrada. Mesmo que este caminho não se iguale à Via Apia de Roma, há muitas cruces e sepulturas que provam a presença dos selvicolas. Nestes locais, mesmo sem querer, se olha para a floresta e se tem a impressão que a qualquer momento pode surgir uma flecha. O constante perigo desaparece e a pessoa se torna negligente. Viajamos algumas horas vencendo colina após colina por belas florestas que são livres e com facilidade se pode cavalgar por elas. Os burros de carga aproveitam muitas vezes esta oportunidade para pastar. Com muita gritaria são novamente recolhidos. A carga às vezes se solta e vez por outra um animal se deita para descansar ou se agita dando sempre trabalho para o tropeiro.

Alcançamos o lugar de descanso: «POUSA SINCERO». É uma planície com excelente água potável. As selas não foram retiradas e procurou-se descansar um pouco. Um dos tropeiros quer selar um outro cavalo que até agora não tinha sido montado e como o mesmo não se deixa pegar o pegam no laço e o cavalo teimoso deixa que o selem, pois sente que não pode escapar. A viagem continua. Nos pântanos e poças, os assim chamados «caldeirões» os animais procuram o seu caminho. Às vezes encontramos um pequeno riacho com uma ponte, mas quando esta não parece muito confiável as mulas preferem passar por dentro d'água. É melhor deixar-lhes a von-

tade pois seu instinto é infalível.

Num outro local encontra-se uma passagem onde foram colocados troncos de árvores e todo cuidado é pouco pois um passo em falso pode fraturar a perna do animal. A mula possui uma grande segurança; o mesmo não se pode dizer do cavalo e em pouco tempo se confia totalmente na mula. Passamos em lugares que se fossem feitos a pé nos deixariam tontos. Bem lá em baixo se vê as copas das árvores e do outro lado se ergue uma íngreme parede onde já ocorreram deslizamentos de terras e o caminho não tem um metro aproximadamente de largura. Mas continua-se confiando na mula e em poucos minutos passamos o perigo.

Os pinheiros ficam mais numerosos. Delgadas e finas árvores «Baracatinga» parecidas com o carvalho, tem em grande quantidade. Quando chegamos bem no alto nos disseram que fazia pouco tempo que os bugres passaram por ali em direção à Hansa. A gente se arrepiava só em pensar e continuava a cavalgar. À tarde, finalmente, alcançamos o Pombas. O Sr. Kuhlmann, que antigamente comandava o Vapor «Progresso», se fixou neste local em definitivo. Sobre Pombas não havia nenhuma ponte. Tínhamos que atravessá-lo com as pernas encolhidas em cima das mulas. Meia hora mais tarde chegávamos ao final de nossa viagem em Pouso Redondo.

O Senhor Knoblauch, nosso companheiro de viagem, quis detonar seu revólver mas saiu só um tiro. As cinco balas restantes falharam. O que teria acontecido se fôssemos atacados pelos bugres? Este tiro anunciava a seus pais nossa chegada. Há nove anos não via o amigo Leopoldo. A recepção

foi calorosa. Descansamos um pouco e depois fomos chamados para comer, o que nos fez muito bem depois de uma cansativa viagem. A Senhora Knoblauch fizera um bolo e quase não sentíamos que estávamos longe da cultura. Com muita conversa a tarde passou e a noite chegou. Cansados fomos para a cama. A casa da família Knoblauch é espaçosa, toda feita em madeira de pinho e certamente não foi muito barato a sua construção pois as tábuas foram feitas à mão e todo o restante do material trazido com mulas. Na selva o pioneiro precisa ser muito versátil. Ele é o seu próprio marceneiro, carpinteiro, seleiro, ferreiro, etc. Para abrir um caminho à cultura ele precisa primeiro transportar-se aos tempos remotos.

Na manhã seguinte, nosso amigo Leopoldo sugeriu um passeio à Serra das Pedras. Mal tínhamos partido minha mula caiu num buraco. Saltei depressa para que ela não quebrasse uma perna, felizmente levantou-se sem ter-se machucado.

Atravessamos o Pombinhas e depois de algumas horas chegamos ao local onde poderíamos ver a Serra das Pedras se a neblina o permitisse. Ali vive o italiano Carlos Belli que é casado com uma brasileira. Entramos em sua casa alegre, que era feita de barro e palmitos. Sua esposa nos serviu um delicioso café. Um irmão de Belli, que é ferreiro, mora perto. Às duas horas da tarde estávamos de regresso a Pouso Redondo. Depois do almoço Leopoldo Knoblauch mandou recolher todo seu gado. Os cavalos e mulas foram colocados na mangueira e nesta oportunidade pudemos ver pequenas mulas. Estes pequenos ani-

mais já desenvolvem uma força extraordinária. O garanhão de raça de Blumenau se desenvolveu muito bem e possui uma confortável cocheira parecendo sentir-se bem.

No grande pasto inúmeras vacas e bezerros pastavam. O touro de raça é muito bravo. Hermann Knoblauch e um dos seus acompanhantes se aproximaram demais do touro e logo precisaram por-se a salvo para não serem atacados. A oito quilômetros acima Knoblauch tem mais uma fazenda para onde levou a maior parte de seus animais. Os animais não recebem ração extra e de tempo em tempo recebem sal. São bem nutridos e passam o ano todo se utilizando da pastagem. Às vezes os animais ficam na floresta meses sem aparecer.

Pouso Redondo em Alemão quer dizer «runder Lagerplatz». Está circundado por colinas suaves e transmite uma aconchegante impressão. O clima é saudável e agradável. Aqui para descansar só no verão, porque no inverno o frio é muito intenso e às vezes o termômetro assinala graus negativos. As frutas alemãs crescem bem. Nós vimos peras, maçãs, ameixas, pessegos e uvas. Se a comunica-

ção fosse melhor dá vontade de fixar-se aqui. Em frente a Knoblauch mora August Peter que também possui uma criação de gado. O tempo passou rápido e havia muito para ver. Na terça-feira de manhã, às 6 horas, iniciamos a viagem de regresso. O senhor Zittlow pretendia, no dia seguinte, seguir para Lages. Despedimo-nos da simpática família Knoblauch.

A viagem de regresso ocorreu sem qualquer acidente ou aventura. Descansamos desta vez no Pouso da Caixa. O tempo esteve maravilhoso e o sol bastante quente. Ao Braço do Sul chegamos às cinco horas da tarde. O tempo havia mudado e grossas nuvens e relâmpagos nos deixaram um pouco apreensivos. Na manhã seguinte chovia. Mas, para não perder o trem, partimos assim mesmo. Durante a viagem o tempo melhorou e nossas roupas molhadas secaram. Finalmente chegamos a Subida. O sol tinha surgido e a paisagem era muito bela.

Uma hora antes da partida já estávamos em Morro Pelado. À noite chegamos em Blumenau.

Ass. P. H.

(Tradução: Edith S. Eimer)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862:

Notícia de 12 de fevereiro de 1870:

Desterro (Florianópolis) — Na segunda quinzena de fevereiro, entraram em nosso porto os transportes "Galo", "Vassimão" e "São José", trazendo de regresso os primeiros voluntários da Guerra do Paraguai. O "Galgo" trouxe o 40º Batalhão da Bahia, o "Vassimão" o 17º de Minas Gerais e o "São José" o 55º de Pernambuco. Estes três

batalhões formaram uma brigada de mais de mil homens, sob o comando do Coronel Faria Rocha. As tropas desembarcaram em Desterro para gozarem alguns dias de descanso. A recepção proporcionada aos soldados, por parte das autoridades e da população foi magnífica. Tudo foi feito para tornar-lhes a estada em Desterro inesquecível. No dia 17 realizou-se na Catedral solene Te-déum, seguido de parada na Praça da Presidência e desfile das tropas por diversas ruas da cidade, e em toda a parte foram recebidas com muitos vivas e muitas flores. Neste dia, como durante toda a permanência dos voluntários nesta Cidade, todas as casas continuaram engalanadas e festivamente iluminadas à noite. Bandas musicais marchavam pelas ruas, fogos de artifício cortavam os ares e em toda a parte os vencedores eram saudados com discursos entusiasmados, para festejar o seu regresso. Depois da missa solene, rezada num altar armado diante do pórtico da Catedral, na presença de todos os voluntários, na manhã do dia 20 de fevereiro, a brigada continuou a viagem com destino à Capital do Império. Às 11 horas os voluntários subiram a bordo. No momento em que o último batalhão se preparava para o embarque, o Coronel Faria Rocha tomou a palavra, agradecendo comovido, com lágrimas nos olhos, à população de Santa Catarina, a brilhante recepção e as inúmeras provas de estima e carinho, recebidos pelos seus comandados.

Durante a Guerra do Paraguai o 40º da Bahia e o 53º de Pernambuco, participaram de todos os combates decisivos, desde o Passo da Pátria até Campo Grande, cobrindo-se de glória em todos eles. O 17º Batalhão de Minas Gerais participou da marcha ao Mato Grosso, formando uma parte do Corpo Comandado pelo Coronel Camisão, Corpo este que passou por terríveis sofrimentos, depois de uma retirada pavorosa do Norte do Paraguai, chegando a Cuiabá com os seus soldados esfaimados e seminus. Mas, apesar de todas as tremendas dificuldades, o batalhão trouxe de volta, incólume, a sua Bandeira.

O Comandante desses batalhões, Coronel Faria Rocha, também é digno de nossa admiração. Além de sua coragem, demonstrada no campo de batalha, provou ainda o mais profundo sentimento de solidariedade humana, para com a infeliz população do Paraguai. Foi ele o fundador de um asilo em Assunção, para mulheres e moças, a fim de protegê-las da miséria e da vergonha e muitas daquelas pobres abandonadas lhe devem a sua salvação. Um fato ocorrido durante a sua permanência em Desterro, demonstra o nobre sentimento daquele oficial. Por ocasião de uma parada sob o seu comando, aproximando-se da rua Fernando Machado, assim denominada em homenagem ao catarinense, Coronel Fernando Machado morto na Guerra do Paraguai, o Coronel Faria Rocha, arrancando o seu quepe, gritou: "Companheiros — Alto! Esta rua simboliza em seu nome um herói do Exército Brasileiro. Companheiros! Reverenciemos o nome do herói Fernando Machado! Descobertos e em silêncio, a passo!" — E os soldados todos, de cabeça descoberta e em silêncio, atravessaram, em marcha lenta, a rua Fernando Machado.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville).

"O Sol dos Trópicos": algumas notas

Embora radicado há muitos anos em Santa Catarina, David Gonçalves continua vinculando sua obra às próprias raízes — o norte do Paraná. A opção do escritor pelo nosso Estado não afetou seu encantamento pela terra roxa, o mar das lavouras de café descendo e subindo pelas colinas, a vida amarga dos bóia-frias em contraste com o latifúndio, as consequências de uma colonização traumática, a vida girando em torno da agricultura. Isso tudo está muito presente, mais uma vez, neste romance que ele acaba de publicar: "O Sol dos Trópicos" (Rumo Gráfica Editora — S. Paulo — 1991) e que, ao lado da obra de Aracyllo Marques, pinta a chamada "civilização do café", na região, integrando-se na imensa literatura que ela provocou.

O livro, ao contrário de tantos que assim têm sido rotulados, é autêntico romance, concebido e realizado dentro das corretas características do gênero. Vive o cotidiano do bóia-fria nas lavouras de café e de cana, com seus costumes, crenças, fantasmas e visagens, misérias muitas e alegrias rarefeitas. Seu desenrolar faz lembrar o Steinbeck de "As Vinhas da Ira", explorando o mesmo tema, ainda que em outra língua e latitude.

A trama envolve incontáveis personagens que se cruzam e entrecruzam ao longo das 500 páginas que o autor revelou fôlego para escrever. Todos eles são bem delineados, com os traços pessoais visíveis e coerentes, desde o grande fazendeiro "que se fez pelo próprio esforço", o líder sindical com seu jargão típico e suas frases-feitas, o padre que oscila entre a teologia da libertação e o amor carnal, o sem-terra perdido no mundo, os "gatos", pistoleiros de aluguel, músicos populares, mulheres "da vida fácil" e, acima de tudo, os bóia-frias, por quem o autor mais se enternece. É claro que não podem faltar as crises e os conflitos, com as invasões de propriedades e as reações violentas, as "guerras" entre os patrões e os sindicatos de empregados, a sempiterna presença de políticos demagogos e de autoridades complacentes. É, enfim, o cadinho em que se formou toda uma civilização, da noite para o dia, onde todos os métodos eram válidos. E que David Gonçalves observou, ouviu e arquivou nos recantos misteriosos onde o escritor trabalha o material com que irá depois construir sua obra. Ele revela conhecer muito bem aquele mundo áspero e que agora soube transportar com perfeição para o seu romance, permitindo que o leitor o viva com toda a intensidade.

Apenas a linguagem nem sempre me agrada. Às vezes ela é crua em excesso, sem necessidade, mas isso é permitido, ainda que pouco acrescenta. Mas o que mais se evidencia é que o autor, buscando enriquecê-la e dar-lhe autenticidade, exagerou um pouco nos "ditos" (às vezes impróprios e nem sempre corretos) e nas "filosofias", de sorte que os personagens filosofam não apenas no conteúdo

do que falam, mas também na forma doutoral como se expressam, coisas incompatíveis com seu meio e condição.

Esses reparos mal humorados, no entanto, em nada diminuem "O Sol dos Trópicos", que é de fato um saboroso romance.

A revista "Literatura"

Um grupo de escritores brasileiros, liderados pelo cearense Nilto Maciel, está lançando em Brasília uma nova revista literária, de circulação nacional e periodicidade trimestral. Com esmerada apresentação gráfica e seleção de textos, o novo órgão pretende divulgar autores de todo o País e até do Exterior, publicando seus trabalhos em prosa e verso, contando desde já com o apoio de destacadas figuras das letras de vários Estados. A primeira edição deverá contar com autores de Brasília, Teresina, Fortaleza, Florianópolis, Araraquara, Nova Friburgo, Caxambu e Balneário de Camboriú, além de um dos Estados Unidos. O Conselho Editorial da revista será composto pelo paulista Uílcon Pereira, o cearense Dimas Macedo, os catarinenses Emanuel Medeiros Vieira e Enéas Athanázio. Terá na Direção o referido Nilto Maciel, romancista e contista, que traz a experiência de fundador de outra revista de muita repercussão na época de seu lançamento. O lançamento oficial deverá ocorrer em Brasília, no mês de novembro, quando, espero estar presente.

"Relatos Estrangeiros"

Os Professores Odilon Nogueira de Matos e Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci (PUCAMP/UNICAMP) publicaram na "Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica", de Curitiba, longo e substancioso ensaio do maior interesse para os catarinenses e em especial para os leitores e a direção da revista "Blumenau em Cadernos". Nele os autores apresentam essa publicação, desde seu nascimento, em novembro de 1957, sob a direção de José Ferreira da Silva, até os dias de hoje, com a Direção de José Gonçalves. Abordam, a seguir, os relatos de 31 autores, publicados em "Blumenau em Cadernos", todos do maior interesse para a história de nosso Estado. Além de resumir essas manifestações, os autores relatam fatos relacionados com a revista, nem sempre bem conhecidos. O ensaio foi estampado no número 6 da revista curitibana.

Egon Schaden

Faleceu em São Paulo, em 17 de setembro, o conhecido Professor Egon Schaden. Catarinense de São Bonitácio, era professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP), como titular da cadeira de Antropologia. Muito conceituado na Universidade e nos meios culturais, iniciou a carreira como assistente do Professor Emílio Willems, e com a retirada deste para os Estados Unidos, substituiu-o interinamente e depois conquistou por concurso a cátedra. Era autor

de inúmeros trabalhos de sua especialidade e traduziu importantes obras de naturalistas alemães sobre o Brasil. Embora radicado na Paulicéia, nunca se desligou de nosso Estado. Em meu livro "O Perto e o Longe", vol. 2, fiz referência à sua ativa e brilhante participação nos Seminários de Tropicologia, criados por Gilberto Freyre e realizados no Recife.

Variadas

— Sucedendo ao escritor Salim Miguel, assumiu a Direção da Editora da UFSC o poeta e professor Alcides Buss, a quem desejamos o maior êxito na complexa missão.

— A Fundação Cultural de Rio do Sul realizou o I Festival de Folclore do Alto Vale do Itajaí, procurando assim abranger o maior número de manifestações culturais. Antes dera ênfase ao teatro e às artes plásticas. Promoveu também o lançamento de livros de Martinho Bruning e Apolônia Gastaldi.

— Está circulando o número 38 do "Suplemento Literário A Ilha", de Joinville, que comemorou onze anos de existência no dia 18 de outubro, realizando noite de autógrafos, no Arquivo Histórico da cidade, com a presença de inúmeros autores.

— FCC Edições acaba de lançar a coletânea "Mar — Poema & Imagem", reunindo poesias de diversos catarinenses relacionadas com o mar, revelando as mais diversas e expressivas visões. E como a poesia é cada vez mais indispensável nos dias de hoje, encerro com um poema de Adair José de Aguiar, também alusivo ao mar, que não está na coletânea mas bem o mereceria:

O M A R

Adair José de Aguiar

Gosto das ondas brabas, fragorosas,
que fustigam as faces do granito;
que acendem, no meu peito, procelosas
orquestrações e anseios do infinito.

Amo essas ondas mansas, preguiçosas,
que morrem sobre a praia, sem um grito.
Amo as espumas brancas como rosas,
mas donde vêm? — Do mar, velho proscrito.

O mar... O mar... Que sonho e que aventura!
Ele me lembra heróis, navegadores.
Cabral, Barroso, Garibaldi, Anita...

E a imensidão do céu em curvatura,
E as estrelas fogueando flores.
E a escumarada rouquejando aflita!

OS PRIMEIROS PADRES SALESIANOS EM ASCURRA O COLÉGIO "SÃO PAULO" O TERCEIRO REENCONTRO DOS EX-ALUNOS SALESIANOS

Os Padres Salesianos, originários da Itália, constituíram em dezembro de 1916, a primeira missão salesiana em Ascurra para atender às necessidades religiosas dos imigrantes italianos e, sobretudo, acolher as principais metas da Santa Sé e do Governo Italiano, que esperavam desses heróis sacerdotes, um cuidado especial, com a formação cultural das famílias procedentes daquele país. O primeiro diretor da missão foi o Padre Ângelo Alberti. Mas, aos poucos, foram integrando-se à mesma o Padre João Rolando, Padre José Pastorino, Padre Leão Muzzarello e outros religiosos, também de descendência italiana. Esses missionários, além de dar assistência religiosa aos imigrantes, executavam um trabalho, junto às crianças, com o objetivo específico de atrair vocações para a Pia Sociedade Salesiana. Em 1921, o Padre Ângelo Alberti decidiu dar início à construção do Colégio para poder acolher meninos e prepará-los à vida religiosa. Essa obra foi iniciada no ano de 1922 e cuja pedra fundamental foi lançada a 25 de janeiro, enquanto que a conclusão do novo seminário, ocorreu quatro anos após, ou mais precisamente, a 24 de maio de 1926. O seu funcionamento regular teve início em 1º de março quando, também, foram admitidos trinta e poucos aspirantes internos e vários semi-internos e pequeno número de externos. O primeiro corpo docente foi cons-

tituído pelo Padre João Rolando, Padre Fratino e por outros sacerdotes. Desde então, funcionou como aspirantado acolhendo vocações eclesiásticas e religiosas, restringindo-se, de modo especial, a admissão de meninos candidatos ao sacerdócio. Mas, depois, a diretoria do seminário, atendendo a apelos da comunidade, veio também a prestar serviço cultural à população da região. Ainda no presente, o colégio funciona em regime de aspirantado para os jovens que desejam seguir a vocação sacerdotal, e de externato para os demais alunos que querem se preparar para o curso universitário ou equivalente. Milhares e milhares de jovens frequentaram essa casa de formação. E todos aqueles que passaram pelos colégios salesianos são considerados pela congregação, filhos do grande fundador da obra, Dom Bosco e por extensão, ex-alunos salesianos. E no dia 15 deste mês de setembro, houve nesse colégio «São Paulo» o III reencontro de ex-alunos salesianos, quando, também, se comemorou 65º aniversário da inauguração da obra. Num clima de muita euforia e um ambiente de sincera alegria, todos felizes, relembramos juntos os anos, as décadas já distantes de vida colegial. Juntamo-nos com velhos e leais camaradas dos bancos escolares dos tempos idos de Ascurra, Lavrinhas e do Colégio «São Joaquim» de Lorena, os dois últimos no Estado de São Paulo.

Essas etapas foram marcantes de nossa passagem por esses internatos. E, na época, não havia como nos dias de hoje, nenhum contato familiar, senão, através de pobres e rápidas linhas, via correio moroso. As saudades, entretanto, de papai e mamãe, irmãos, de parentes e amigos que longe, mui longe deixamos, para revê-los depois de lustros, as sentíamos a cada hora que passava.

Nesse 15 de setembro, um domingo de sol brilhante, como início desse encontro, na parte da manhã, participamos da missa celebrada pelos reverendos salesianos, Padre César Teixeira, vice-Provincial dessa Inspeção, Padre Adriano Cemin, diretor do colégio, Padre Lino Fistarol, Padre Guerino Stringari, ecônomo inspetorial e Padre Luiz Bazzanella. A orquestra do colégio, composta por músicos do aspirantado, e coordenada pelo Padre Maurício Augusto Lakowski, executava as melodias sacras. Após a missa foram batidas fotos para documentar o bellissimo evento. Na sequência, fomos convidados para, no salão de teatro, assistirmos a bela peça teatral, «os dois corcundas» o que nos fez reviver os anos de aspirantado.

Essa comédia foi representada pelos veteranos José Grava, o edil Walmor Marchi e por alunos

do seminário, sob a orientação do ascurrense, Padre Luiz Bazzanella ao som das músicas executadas pela banda, sob a regência do grande maestro Padre Lino Fistarol, que ao encerrar a sessão solene, com seu pistão, tocou «SILÊNCIO» em homenagem póstuma aos salesianos falecidos que tiveram passagem por esse colégio.

Culminou o grande acontecimento com uma suculenta churrasqueira regada a vinhos e cervejas, oferecida pelo ecônomo, Padre Aristides Girardi, ao som da melodiosa orquestra. O nosso amigo Padre Décio Bona, Diretor do Parque Dom Bosco de Itajaí, participou dessa festa.

Tudo isso e mais, aqueceram realmente os corações dos ex-alunos salesianos presentes, dos aspirantes e sacerdotes, movimentando-se-lhes todas as fibras do entusiasmo. E não passou despercebida por todos nós, durante esse III encontro cordial, e sempre, o grande tesouro, ou seja, a humildade que se esconde sob a amável simplicidade desses heróis sucessores de Dom Bosco:

OS PADRES SALESIANOS.

A gratidão perene de todos os ex-alunos salesianos.

SALVE DOM BOSCO.

Atílio Zonta

ROMANCISTAS «ALEMÃES» CATARINENSES (1)

ANÁLISE DE UM ROMANCE DE GERTRUD GROSS HERING

— Durch Irrtum Zur Wahrheit (Do erro à verdade)

Prof^a. Valburga Huber - UFRJ

Enredo: Dois jovens imigrantes alemães, Georg Harten e Erich Western, encontram-se e tornam-se amigos na viagem a Blumenau e Hansa (atual Ibirama).

Ao chegarem, tomam rumos diferentes: Georg Harten prefere fixar-se em região já habitada, enquanto Erich Western entra na selva

para derrubá-la e preparar seu lote de terra. A vida destes imigrantes tem alguns pontos em comum e muitos contrastes advindos de mentalidade e cosmovisão diferentes.

Georg Harten compra uma colônia já empobrecida, pois como "Neudeutscher" (alemão novo) é enganado por um colono mais antigo. Apesar dos esforços, sucedem-se fracassos e decepções, na sua vida de agricultor e no seu casamento com Anne, moça inculta e incapaz de compreendê-lo. Ao encontrar outra pessoa (Helga), do seu nível cultural, decide voltar com ela para a Alemanha.

Erich Western, por outro lado, tem sucesso, abre seu caminho com suor e racionalidade, constrói sua casa e por fim sua mãe vem da Alemanha.

Georg, de volta à pátria, vai cuidar do sítio deixado pelos Western na Alemanha, reiniciando, assim, sua vida na velha terra.

Personagens e dualismo: A descrição dos personagens é feita no início do romance durante a viagem ao Brasil.

Eram jovens alemães, como a gente podia constatar no primeiro olhar, apesar da notória diferença nos seus aspectos. Um deles, gigante ouro de olhos azuis, cáldico, enérgico de boca forte, bem trajado um pouco à antiga; o outro, mais baixo e mais magro, cabelos escuros, e no rosto juvenil muito belo, um par de olhos grandes e escuros, cuja expressão mudava constantemente. As mãos bem tratadas, a fina indumentária, o cabelo bem penteado demonstravam senso de beleza e bom gosto.

O temperamento irrequieto de Harten contrasta com o temperamento comedido, lógico, objetivo de Western. Este contraste é descrito assim, num diálogo bem ilustrativo, iniciado por Western:

— Afinal — (...) — vamos para o Brasil, para criar uma nova existência, ou seja, trabalhar e não à procura de um fantasma.

— É claro, — acrescentou o outro. Mas este trabalho não significa rastejar, e sim deve significar um impulso para o alto, que também nos dê alegria.

— Bem dito — interrompe Western — mas eu quero dizer que antes de qualquer coisa devemos empregar nossas forças, para primeiramente alcançarmos o nosso objetivo, daí virá a alegria. Erich Harten sacudiu a cabeça.

— Não. trabalho sem alegria atrofia, é algo feio, deprimente, temos que enfrentar tudo com ânimo e amor.

— Então o senhor não deve ir para o Brasil para se tornar agricultor.

— O senhor imagina que isso seja tão difícil?

— Bem, fácil é que não é. Quantas famílias, que emigraram para o Brasil, para lá se fixarem, retornaram decepcionados porque não encontraram o que tinham fantasiado em sua imaginação. Mas quantos também superaram esta primeira fase

árdua e difícil e agora, que aprenderam a amar seus novos meios de subsistência e sua nova terra, não querem mais regressar para a antiga, com as velhas condições.

Erich Harten é inexperiente, tem grandes sonhos e planos, pensa em aplicar técnicas modernas na agricultura, recuperar o solo e deste modo obter bons resultados. Esbarra no conformismo e modo de vida tradicionais dos colonos mais antigos, avessos às inovações e enfrenta sérias dificuldades, até cair no tédio e na solidão.

Enquanto isso, Western lhe relata as dificuldades que enfrenta com alegria na mata virgem. Elas equivalem a seus planos interiores, seu espírito empreendedor e desafiador.

É evidente o contraste entre os dois. Western se adapta, cria raízes na nova terra, encontra sua segunda pátria, tem sucesso. Harten sente-se corroído pela saudade, pelo estranhamento, sensação de não pertencer a este ambiente e fracassa. Fracasso e saudade são flagrantes:

... Pensamentos sombrios, que antigamente nunca lhe povoavam a mente, porque esta e sua consciência estavam girando totalmente em torno dos seus planos e esperanças, começaram a se fixar nele. Sentiu-se solitário e abandonado. Nessas horas tristes, tomava consciência de que nunca se sentiria em casa, que nunca poderia criar raízes aqui. Por que acontecia isto? Ele estava com saudades?

Saudade de quê? Não vivia mais pessoa alguma na Alemanha, da qual ele estivesse saudososo. Seria saudade da própria Alemanha, sua terra natal? Seria isso?

(...) Não, aqui ele não poderia se sentir em casa, jamais!

E isso porque as pessoas daqui eram tão profundamente diferentes. Com sua fina educação recebida da mãe, seu senso de beleza, sua alma repleta de altos planos, como poderia ele se sentir bem entre os colonos rudes e egoístas, que não tinham a mínima compreensão de idéias e objetivos mais elevados? Se pelo menos tivesse alguém que pensasse como ele ao seu redor, com quem pudesse desabafar!

Só a paixão por Anne vem como um raio de sol na sua vida sombria. O casamento porém é marcado pelo contraste cultural assim descrito por Western:

— ... ela é uma moça colona, sem a instrução que uma pessoa que venha a ser tua esposa deve possuir, para que se ajuste a tua alma delicada, tua instrução e tua formação e possa ficar unida a ti para o resto da vida. Eu lanço um olhar ao futuro. Vejo-te solitário no teu coração, ao lado da tua mulher, uma mulher esmerada talvez, que não pode, porém, te dar aquilo que te ajuda a superar os contratemplos da vida, com compreensão delicada e alma fraterna. Tu não foste feito para passares tua vida entre os colonos, isto é auto-engano. E

se um dia tomares consciência disso, então estarás ligado a alguém e fadado a levar adiante esta vida ou tornar-se um trapo.

Estas previsões do amigo concretizam-se na vida a dois e, só no trabalho, Harten encontra uma fuga.

Ao encontrar uma outra mulher, culta, dedicada (cantando "Lohengrin" de Wagner em plena selva brasileira) trocam confidências, nasce a amizade, ele realiza seus sonhos. Ela encarna a pátria, a saudade desta, a alegria e a felicidade:

— Por favor, dê a um morto de sede um gole de água. Você não pode acreditar ou imaginar o que este encontro significou para mim. A senhora surge ante meus olhos como um pedacinho da minha pátria, como um sonho de dias longínquos.

Meu Deus, se a senhora pudesse avaliar o que significa ter encontrado uma alma gêmea (...)

Era sua pátria que, dentro dele, lhe acenava, a velha pátria, da qual ele se desligara tão facilmente mas o que o chamava, tão delicada e secretamente, que ele não percebeu logo de onde vinha a voz, a qual durante à noite, freqüentemente o despertava do sono e lhe fazia arder os olhos.

Western traça os dois perfis mais comuns de imigrantes, dos quais ele próprio e Harten são protótipos:

— O homem, não acostumado a trabalho duro, deve derrubar árvores, colocar a família às pressas numa cabana de palmitos e vê-la passar por uma série de privações. Daí não resistirá, pendurará logo a espingarda e com amarguras e reclamações sobre suas esperanças estraçalhadas, ele prepara sua mochila e se ainda dispõe de algum dinheiro, regressa a velha pátria ou fixa residência numa cidade qualquer daqui.

Gente desse tipo devia ter ficado em casa. Por outro lado, os que imigram com ânimo forte e disposição para o trabalho, sem grandes ilusões, estão aqui no lugar certo, esses acham aqui o sucesso.

Os dois personagens lembram o romance *Canaã* de Graça Aranha, no qual não há um Western, o intelectual da germanidade (representado por Lentz) nem um Harten, que representa a germanidade romântico-idealista (Milkau). Há semelhança na problemática da mistura ou manutenção da raça.

Da Dissertação de Mestrado

"SAUDADE E ESPERANÇA" — O Dualismo do imigrante alemão refletidos em sua literatura."

CAIACANGA

Hermes Justino Patrianova

Mais um compromisso — o doze,
Com BLUMENAU EM CADERNOS,
De escrever Tupi **en rose**,
Para os Arquivos Modernos

E de grandes Obras **füller**
— Biblioteca «Fritz Müller»,
Alameda Pindó — **bau**
«Casa Doutor Blumenau»

Copiamos, hoje, do nosso livro inédito — TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo da epígrafe.

CAIACANGA

1 — Porto do Rio Iguaçu, a Jusante de União da Vitória, Paraná.

2 — Povoado pertencente ao Distrito de Ribeirão da Ilha, do Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, localizado na Ilha de Santa Catarina, ao Sul da Cidade de Florianópolis.

ORIGEM TUPI: CAIA (Arder, pegar fogo, queimar, sapecar, chamuscar) + ACANGA (Cabeça) = CABEÇA QUE PEGOU FOGO = CABEÇA QUE SAPECOU = CHAMUSCADO NA CABEÇA = CABELLO CARAPINHA = CAIACANGA (Nome dado ao índio proveniente do cruzamento com negros salvados de um naufrágio, na Ilha de Santa Catarina) = CAIACANGA.

Os índios CAIACANGA (S) (Em Tupi) ou CAINGANGUE (Em Carani) eram, também, chamados de COROADOS, por usarem a cabeça raspada e pintada com urucu; ou CHANDULES. **Cafuzos**, isto é, **mestiços** com negros, os Caiacangas ou Caingangues tinham o cabelo carapinhado, o que lhes va-

leu o apelido de **cabeça chamuscada** ou **cabelo carapinha**. CHANDULE, corruptela de **Chandure** quer dizer QUE VÊM DOS DIFERENTES DE NOSSA GENTE = QUE VÊM DOS DIFERENTES DE NÓS = CHANDURE = CHANDULE (S).

João Mendes de Almeida — DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO: — «CAIACANGA — Corruptela de **Ca'a-acang-a**, «cabeça a abrasarse», De **caia**, «queimar-se, abrasarse», no infinitivo, **acang**, «cabeça», formando com **caia** uma só palavra e recebendo **a** por acabar em consoante». Por contração «**cai'a-cang-a**». Não será **caá-acanga**, «Morro seco»? De **caá** «Morro», **cang**, «Seco, enxuto», com **a** (breve) por acabar em consoante». O Autor do DICIONÁRIO tinha ouvido o galo cantar, mas não sabia onde o fez; por isso, a confusão que semeou por toda a parte.

Caiacanga, (**Caia-acanga**) significa **cabeça chamuscada**, **cabeça sapecada**, **cabelo carapinha**, porque era o apelido dado aos índios catarinenses, mestiços com negros que se salvaram de um naufrágio, depois da Descoberta do Brasil, acolhidos pelos **Carijós**.

Decomposição de CHANDULE = CHANDURE: XANDÉ (Diferente de nós, de nossa gente) + ÚRI (Vir) + E (Aquele) = AQUELE QUE VEM DIFERENTE DE NÓS =

AQUELE QUE NASCE DIFERENTE DE NOSSA GENTE = CHANDURE = CHANDULE.

Antônio Geraldo da Cunha — DICIONÁRIO HISTÓRICO DAS PALAVRAS PORTUGUESAS DE ORIGEM TUPI: — CAIACANGA — TUPI — Caiacanga. Polvo (**octopus vulgaris**). Há aqui, um pequeno engano: o **polvo**, molusco marinho da Ordem dos Cefalóides, traduz-se para o Tupi em CAIACANGA, que de decompõe em: CAÍ (Macaco) + CANGA (Osso, armação, espinha

de peixe, ventrecha) = OSSO DE MACACO = ARMAÇÃO DE MACACO = CAICANGA = POLVO.

O índio é CAIACANGA; o polvo é CAICANGA.

En rose — Francês = **Em rosa, cor de rosa.**

Füller — Alemão = **Abundante, repleto.**

Pindó(ba) — Carani-Tupi = **Palmeira (s).**

B a u — Alemão = **Edifício, prédio.**

ANTIGOS POVOADORES DA PRAIA BRAVA

Antônio Roberto Nascimento

Aos 13.7.1814, Silvestre de Borba Coelho (1), «morador na Praia Brava, Distrito de Itapocoróya, com 11 filhos maxos e fêmeas para sustentar» (sic), diz que «se acha situado em Cambriaçu», em terras que «houve por compra a Manoel Lourenço da Luz» e que «já mal produzem», motivo por que requer sesmaria «em braço do Rio Tajaí, denominado Rio Pequeno, meio dia de viagem para cima», onde haviam terras devolutas, que estremavam, ao norte, «com as da viúva Mariana Dias e pelos mais lados com o denominado Rio Pequeno. Esse requerimento é continuado, em 1824 (2), por Felício de Borba Coelho e seus 13 irmãos, todos filhos do finado Silvestre de Borba Coelho. Pela confrontante Mariana Dias, a rogo dela, assina Antônio Correia de Negreiros com boa caligrafia. O escrivão é Manoel Antônio de Sousa Medeiros (3).

Silvestre de Borba Coelho era filho de Antônio de Borba Cabral e

de Mônica Mariana, naturais da Ilha Terceira, e foi casado, talvez na freguesia de S. Miguel da Terra Firme, com Inácia Mariana, filha de José Rodrigues da Costa e de Maria de Jesus, naturais da Ilha do Pico, consoante o batismo da filha Ana, aos 12.4.1812, na Penha (4), tendo por padrinhos Manoel Antônio da Silva e Bárbara Inácia de Jesus.

O sobredito Antônio Correia de Negreiros, natural de Capela de S. João Batista de Itapocoróia, era filho de José Correia de Negreiros e de sua primeira mulher Joana Dias de Arzão, tendo sido casado com Catarina Maria, filha de João de Amorim Lima e de Teodora de Moura, segundo o batismo do filho Francisco, aos 2.1.1795 (5), tendo por padrinho Francisco Lopes, que «por impedimento, constituiu seus poderes a Antônio José da Silva (6).

Felício de Borba Coelho, o filho mais velho de Silvestre de Bor-

ba Coelho, talvez o primogênito, era natural da freguesia de S. Miguel e casou, em 1º.11.1816, com Tomásia Maria de Jesus, «natural desta Capela» (7), filha de Francisco Antônio e de Francisca Rosa de Jesus.

Silvestre de Borba Coelho era irmão germano de Ana Maurícia da Assunção, casada por seu turno, com Manoel Lourenço, filho de Lourenço Machado da Luz e de Margarida da Conceição, conforme o batismo da filha Maria, aos 24.10.1802 (8), seis dias depois de Silvestre haver batizado também filha de igual nome (9).

A susodita confrontante devia ser a Mariana Dias de Arzão, natural da Capela de S. João Batista de Itapocoróia, filha de Matias Dias de Arzão e de Isabel Nunes da Silva, naturais de Paranguá, casada, aos 30.9.1810 (10), com Francisco Ferreira do Vale, batizado na Matriz de N. Sra. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul, filho de Manoel Ferreira do Val e de Maria Rosa da Conceição. Esse Manoel Ferreira do Val ou do Valle parece ter sido o que morreu com 60 anos, aos 25.10.1793, casado com Maria Rodrigues (11).

Silvestre também teve o filho Antônio de Borba Coelho, também natural de S. Miguel e casado, aos 10.11.1811 (12), com Rosa Inácia, natural de Itapocoróia, filha do Alferes Antônio Francisco da Silva e de Maria Santa de Jesus, então já finada, moradores na Praia das Piçarras.

Sua família já se encontrava nas imediações do atual Município da Penha (SC) desde 4.8.1793 (13), quando lá foi batizado o filho Manoel, tendo por padrinhos Manoel Lourenço e Ana Maurícia. A-

lém desse filho, tiveram, outrossim, a filha Joaquina, batizada aos 12.1.1806 (14).

Creemos que outro dos filhos de Silvestre fosse o Alberto Antônio de Borba, que, em 1851 (15), era testamenteiro de D. Isabel Maria de Jesus, quando era casado, outrossim, com uma neta dela, Maria Jacinta Caetano.

Em 1842 (16), quando foi do inventário dos bens do Tenente Francisco Lourenço da Costa, comerciante do Rio Itajaí, sendo inventariante sua viúva Justina Rosa, surgem, como devedores do espólio, os nomes de: Silvestre de Borba, da Praia Brava, Luís de Borba, de Cambriú, José de Borba, da Praia Brava, Manoel de Borba, da Praia Brava, José Joaquim, da Praia Brava, José de Borba, «neste rio» (sic), Marcelino de Cambriú, morador na Praia Brava, e José Borba, da Praia Brava. Seriam, por certo, filhos e netos de Silvestre.

Um Antônio Luiz Cabral, morador da Ilha dos Remédios, era devedor ao espólio de Domingos Gonçalves Lamim (17), conforme recibo datado de 15.11.1837. Creemos que também fosse descendente dessa família.

Um Francisco José de Borba, filho de José de Borba Coelho e de Florentina Rosa de Jesus, já falecida, casa, na Barra Velha, aos 16.2.1863 (18), com Ana Joaquina de Jesus, filha de Jacinto José da Silva e de Joaquina Maria de Jesus.

Cipriano Silvano de Borba, natural de Itajaí e morador nas Piçarras, filho de Silvano de Borba Coelho, já finado, e de Ana Francisca de Jesus, casou, aos 15.11.1859, na Penha, com Ana Rosa de Jesus, filha de Vicente da Silva

Correia e de Ana Carvalha de Jesus (19).

Silvestre de Borba Coelho e Inácia Maria também foram os pais de Joana Antônia da Trindade, casada, aos 21.9.1814 (20), com José Maria Cordeiro, natural de Paranaguá, filho de Gabriel Luiz Cordeiro e de Isabel Maria da Silva. Seria o epônimo do Bairro dos Cordeiros em Itajaí? Há, porém, outra família de mesmo apelido.

Em 1905 (21), foram inventariados os bens de Floriano Antônio de Borba, «morador no Escalvado deste Distrito de S. Pedro de Alcântara de Barra Velha», por sua viúva D. Ana Maria Pereira, que declarou os seguintes filhos do casal: João Floriano de Borba, solteiro, Florinda Maria de Borba, casada com Manoel Belizário Rodrigues, Roberto Floriano de Borba, Rosa Maria Pereira, casada com Rosendo Belizário Rodrigues, Maria Ana de Jesus, solteira, Germana Maria Pereira, solteira. Antônio Floriano de Borba, órfão, e Jerônimo Floriano de Borba, também órfão. Como se vê, todos descendiam dos moradores da Praia Brava.

Já em 1887 (22), haviam sido inventariados os bens de José Felício de Borba, morador no Itaperiú, filho de Felício de Borba Coelho e de Tomásia Francisca de Jesus, por sua viúva D. Ana Maria da Conceição, filha de Frutuoso Soares da Costa e de Maria Francisca, quando são declarados os seguintes filhos herdeiros: Francisco José de Borba, casado com Leonídia Maria Pereira, Serafino José de Borba, casado com Fausta Francisca de Borba, Domingos José de Borba,

casado com Rosa Francisca, Jacinto José de Borba, casado com Maria Matilde Pereira, Bernardino José de Borba, de 25 anos e solteiro, João Felício de Borba, de 17 anos e também solteiro, Maria José, casada com João Zeferino de Azevedo, Francisca Maria da Conceição, casada com Manoel José de Souza, e Eduarda Maria da Conceição, casada com João Laurindo Pereira.

O sobredito Silvano de Borba Coelho e Ana Francisca dos Santos também tiveram o filho Raulino, batizado aos 6.6.1844 (23).

Luiz de Borba Coelho, morador do Itapocu, foi casado com Maria Tomásia Pereira, segundo batismo da filha Sabina, aos 3 de julho de 1845. Esse casal também teve o filho Cândido de Borba Pereira, casado, aos 26.5.1866, no Parati (24), com Vitorina Rosa. Luiz de Borba Coelho faleceu, no Parati, aos 11.10.1865, com cerca de 66 anos (25). Sua nora Vitória Rosa era filha de Libório da Cunha Maciel, natural de Itapocoróia e descendente de açoritais. Luiz de Borba Coelho e Maria Tomásia Espíndola também tiveram o filho José de Borba Pereira, casado no Parati, aos 10.08.1860, com Maria Guiomar Tavares de Miranda, natural da Freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Enseada da Laguna, filha de Agostinho Antônio de Sousa e de Maria Tavares de Miranda (26). Também tiveram a filha Joaquina de Borba, casada no Parati, aos 21.6.1869 (27), com Joaquim Gonçalves de Sousa, viúvo de Ana Joaquina de Jesus. Outra filha de Luiz de Borba Coelho foi Leopoldina Rosa casada em 1869 também no Parati (28), com José Alexandre dos Santos,

filho de Alexandre José dos Santos e de Bárbara Rosa.

Aos 7.9.1903, em Joinville (29), casou Maria Clementina de Jesus, de 44 anos, natural de Camboriú, filha de João Felício de Borba e de Clementina Rosa de Jesus, com João Pereira Catarina, de 72 anos, morador na Ilha da Figueira, também natural de Camboriú, filho de Joaquim Pereira e de Joaquina do Nascimento Borba.

Antes disso, aos 26.2.1899, também em Joinville (30), foi batizado Tomé, filho de João Felício de Borba e de Ana Soares da Costa, moradores no Itapocu do Sul, neto paterno de José Felício de Borba e de Ana Maria da Conceição, e materno de Mariano Soares da Costa e de Marcolina Inácia da Conceição.

No Parati, aos 30.11.1875 (31), Maria Luiza, filha de Luiz de Borba Coelho e de Maria Tomásia da Conceição, casou com Mariano Gonçalves de Sousa, filho de Joaquim Gonçalves e de Ana Joaquina Rosa, com dispensa do «impedimento de consangüinidade em 2º grau igual da linha transversal» (sic).

Da Praia Brava, portanto, a descendência dessa família passou para toda a região norte de Santa Catarina.

NOTAS

1. Arquivo Histórico de Joinville; 2. Idem, ibidem; 3. Id. ib.; 4. Livro n. 1 de batizados, casamentos e óbitos da Penha; 5. Id. ib.; 6. Id. ib.» 7. Id. ib.; 8. Livro n. 1 da Penha; 9. Id. ib.; 10. Id. ib.; 11. Id. ib.; 12. Id. ib.; 13. Id. ib.; 14. Livro n. 5 de batizados da Matriz de N. Sra. da Graça; 15. Arquivo judiciário francisquense; 16. Arquivo judiciário francisquense; 17. Id. ib.; 18. Livro n. 3 de casamentos da Penha; 19. Id. ib.; 20. Livro n. 1 da Penha; 21. Arquivo judiciário francisquense; 22. Id. ib.; 23. Livro n. 9 de batismos da Matriz de N. Sra. da Graça; 24. Id. ib. e livro n. 1 de casamentos do Parati; 25. Livro n. 1 de óbitos do Parati; 26. Livro n. 1 de casamentos do Parati; 27. Id. ib.; 28. Id. ib.; 29. Registros da Catedral de Joinville; 30. Id. ib. 31. Livro n. 2 de casamentos do Parati.

Línguas estrangeiras...

Sempre achei maravilhoso aprender uma língua estrangeira. Viva ou morta, tanto faz. Todas as línguas contêm tesouros de arte, de ciências e de beleza.

Começar a estudar uma língua estrangeira sempre é difícil. Principalmente quando essa língua nova pertence a um grupo diferente. Apenas para exemplificar: querendo estudar tupi-guaraní. Ou alemão. Ou inglês. Pior ainda, se é russo ou japonês. Mas, no fundo, não importa a língua. Toda língua diferente da nossa

Adolfo Bernardo Schneider

nos parece difícil, porque, assim como a nossa língua levou milhares de anos para se formar e adquirir o formato atual, também outras línguas exigiram longo espaço de tempo para se formar.

Uma língua não se forma sozinha: é o povo, que a forma. E o povo é constituído de gente de todos os níveis de inteligência. Mas assim mesmo todos contribuem. Uns mais, outros menos. Alguns só atrapalham.

Voltando as línguas estran-

geiras, eu me represento qualquer língua estrangeira igual a uma mata virgem. Do lado de fora, a mata virgem parece impenetrável, até agressiva. Mas, de qualquer forma, assim como a língua, cheia de mistérios. A gente começa a penetrar na mata virgem, vai abrindo uma picada e descobre de repente, que está em um mundo novo, desconhecido. Divisa os troncos de árvores centenárias, as folhagens, todas diferentes, as flores, as frutas e apesar de tudo, acaba se sentindo em casa, neste mundo tão diferente. Olha ao redor, dentro da mata, nota as sombras, mas também os jatos de luz, que vêm lá de cima e acaba gostando. Conclui, que além do nosso mundo, que achamos bonito e até certo ponto inimitável e único, existem mais outros mundos, também bonitos e, conhecendo-os melhor, também inimitáveis. E tantos mundos bonitos. Você vai conhecer, quantas línguas estrangeiras você for estudar. Assim como a mata virgem, do lado de fora, nos parece hostil e até agressiva e perigosa, uma vez dentro da mesma, com a picada aberta, sentimos essa sombra agradável, que todo grupo de árvores proporciona e também ares mais frescos, carregados de oxigênio.

Estou escrevendo estas considerações, esta "análise", diria o meu saudoso professor de Física, de Química, de Geometria, de Trigonometria plana e de Astronomia Padre Godofredo Schrader, já falecido há muitos anos. Lembrando-me da proibição da língua alemã, na década dos trinta, já antes da segunda guerra mundial, pelos próceres políticos da época, Getúlio Vargas, Nereu Ramos, Lourival Fontes e outros mais, porém de nível mais baixo. E olhando o panorama de destruição,

que deixaram atrás de si, comparo essa gente a uma manada de elefantes bravios passando com fúria por cima de uma exposição de porcelana, obras de arte. E fico pensando, como seria diferente Santa Catarina, se entre os 3 milhões de catarinenses houvesse, no mínimo um milhão falando bem a língua portuguesa, mas também a alemã. Os instrumentos para a consecução desse milagre estavam aí. 2.000 escolas, quase todas de caráter rural, que não custavam nenhum centavo, nem ao Governo do Estado, nem ao Governo Federal, porque as associações de pais e mestres, entre a colonada alemã, é que mantinham essas escolas, porque o Governo não lhes dava escolas onde pudessem aprender português.

Eu, por exemplo, me sinto perfeitamente bem, afagado nas duas faces, de um lado pela língua portuguesa e do outro lado pela língua alemã, dos meus pais, proporcionando-me o acesso direto (não por traduções, que todas mentem) aos tesouros das duas Culturas, a brasileira e a alemã.

Por este motivo: eu aconselho a todos os jovens: estudem alemão. Desterrada do nosso convívio por alguns espíritos maus, a língua alemã, o latim do Século XX, está voltando. E com garra. Não só na Europa. Não foi sem motivos muito sérios, que o judeu Isaac Deutscher dizia que a língua alemã é a mais importante e que na língua alemã reside o futuro da Humanidade. Mudando até o seu nome, que em hebreu ou em polonês significa "Alemão", para "Deutscher", que também significa "Alemão".

Você não se arrependerá. Assim como eu jamais me arrependi. Para o bem de Joinville, de Blumenau, do Brasil.

Influência do imigrante italiano na colonização do Vale do Itajaí

(Artigo extraído do jornal «A Nação» de 02/09/1950 na edição comemorativa do Centenário de Blumenau, transcrito e traduzido do livro do Cinquentenário de Blumenau).

Ao comemorar Blumenau o seu primeiro centenário de fundação, transcorre o 75º aniversário da colonização italiana na região situada entre a margem esquerda do Rio Itajaí e o Rio dos Cedros, por isso foi no ano de 1875 que chegou a primeira expedição de Trentino, que se localizou nas terras de Rodeio.

A população de origem italiana associa-se a esta festa que não é só blumenauense mas também uma festa da grande pátria brasileira; enfileira-se com os pioneiros de origem alemã que, guiados pelo saudoso Dr. Blumenau, abriram o caminho por estas então inóspitas regiões e exulta com os progressos desta florescente cidade por haver eles cooperado ativamente.

A maior parte da imigração italiana procedeu de Trentino, terra que então de austriaco não possuía senão o liame político. A restante é de origem vêneta e lombarda.

A imigração é um daqueles grandes fenômenos, que obedecem a leis ainda indistintamente compreendidas e cujos fatores são vários e nem sempre fáceis de serem determinados.

No caso atual se tratava em geral de operários diaristas ou de pequenos proprietários, cujas condições econômicas nos últimos anos se haviam tornado precárias decorrentemente a uma série de

más colheitas e por um conjunto de circunstâncias que na Europa constituiu a crise agrícola. A ocasião era, portanto, propícia devido ao descontentamento. Sobreveio também a propaganda feita pelos agentes de imigração e de modo exagerado. Lendo ou ouvindo a leitura de opúsculos otimistas que eram largamente distribuídos, o povo «esquentou» a cabeça e no ano de 1874, nas aldeias de Trentino bem como em muitos lugarejos da Itália, outra coisa não se falava do que da América, e especialmente do Brasil.

O primeiro grupo de imigrantes que chegou a Blumenau no ano de 1875 experimentou certa decepção ao encontrar ao em vez da esperada cidade de Blumenau, um grupo de ranchos e algumas casinhas de madeira. Mas por esse egoísmo humano que deseja companhia numerosa no perigo e na miséria, antes que na segurança e no bem-estar, os primeiros emigrantes, mesmo antes de saber que duras dificuldades os aguardavam, escrevendo as aldeias e origem que se encontravam muito contentes.

A corrente imigratória então tornou-se irresistível e todo o elemento economicamente e psicologicamente predisposto tratou de imigrar nos anos imediatamente sucessivos.

A população trentina em geral,

é forte e sã, temperada com os puros ares dos Alpes, no exercício dos trabalhos pastorais e campestres. Se as condições econômicas lhe houvessem permitido uma alimentação abundante e substancial sem obrigá-la a um trabalho excessivo, a população trentina apresentaria condições físicas melhores ainda. Igualmente podemos dizer da população lombarda e vêneta.

A psicologia das populações itálicas é assaz conhecida e seria por isto ocioso resumi-la. Todos concordam em atribuir-lhe uma inteligência natural comparativamente não inferior àquela dos outros povos. Mas, infelizmente, são deficientes na cultura, especialmente as classes populares. Esta escassez de instrução, este estreito limite no horizonte dos conhecimentos humanos, não devem ser atribuídas a elas e sim ao conjunto das condições sociais e políticas em que cresceram. A economia do pequeno proprietário e grande capitalista conservava os operários da Europa de então, e especialmente os da Itália, em uma abertura financeira, embora fossem favoráveis ao desenvolvimento da cultura intelectual. Por outro lado o governo austríaco de então, reacionário, feudal e oligárquico não cuidava muito carinhosamente da instrução popular, especialmente nas províncias italianas, suspeitas de insurreição. Favorecia, ao invés a influência clerical, aliada segura nos intentos reacionários, e assim a instrução limitava-se às primeiras letras e ao ensinamento do catecismo. Outro tanto se pode dizer no governo italiano, com esta só diferença: enquanto a Áustria caminhava para o progresso e

a liberdade, a Itália retrocedia ao regime da força.

Nenhuma surpresa causava portanto o fato de na casa do colono, do artífice ou do negociante de origem italiana, salvo raríssimas exceções, não encontrar-se um jornal político, uma revista literária ou um livro de ciência positiva ou agricultura. Abundavam ao em vez os livros de orações, algum almanaque católico e alguns números de uma gazeta do clero.

Não surpreendia que o programa didático nas escolas coloniais fosse: ler, escrever, primeiras contas, catecismo e história sagrada, História Universal, Geografia, Matemáticas, Ciências Físicas e naturais, Agricultura, Higiene, etc. eram superfluidades perigosas. E assim as jovens gerações ignoravam o mundo físico, social e intelectual que realmente existia além da zona em que viviam.

A moral das coletividades é o antropológico e do fator social. Assim como os operários que imigram, em geral, são boa gente e assim como a nova vida de pioneiros, cheia de perigos e de sofrimentos, desenvolve como elemento necessário e a solidariedade e a bem-querência recíproca, assim os primeiros anos da colonização se caracterizaram por uma alta moral social, que tinha a sua prática no auxílio fraternal e no desejo sincero do bem coletivo.

Mas quando cada um se viu garantido em sua propriedade, quando a necessidade desapareceu e deu lugar a uma relativa agiotagem, quando começaram as primeiras economias e as primeiras diferenças de fortuna, quando nos novos proprietários apareceu o germe dos capitalistas, então aos poucos mudou o modo de com-

preender e praticar a vida social.

Sobre o mais, as condições de moralidade social são suficientemente boas. Raríssimos os homicídios e algumas vezes brigas oriundas de embriaguês. Raros os outros atos criminosos contra as pessoas e contra a propriedade. As relações entre os devedores e credores correm geralmente em boa fé, e não é desenvolvida a usura. Desconhecido é o ócio e a vagabundagem, insignificante o jogo e um pouco grave o alcoolismo, devido ao abuso da aguardente de cana.

Um fato social novo, que está preocupando os pais de família, é o espírito de independência suscitado nos filhos pela facilidade da vida, também fora da casa paterna. A família quebra o antigo modelo patriarcal no qual se modelou até então, e tende irresistivelmente à liberdade. Os adolescentes já não suportam mais a autoridade paterna; exigem que o pai lhe compre novas terras para estabelecer-se, ou que lhe sejam cedidas uma parte dos lucros domésticos, e em cada caso tendem ao casamento precoce e a estabelecer-se independentes. Assim os pais se vêem abandonados às suas fracas forças, se não souberam ou puderam salvar da avidez filial uma economia que os auxiliem a passar a triste velhice.

Esta, em linhas gerais, a vida civil ao encerrar-se o século. Faço votos para que os cinquenta anos que virão, a vejamos mais eleita e mais pura.

Posto que o clima destes vales peque por um excesso de calor e de umidade no verão a saúde física da população seria ótima, se não fosse continuamente insidiada

e estragada pelo mau da terra ou anemia. Entretanto, como já se demonstrou que esta enfermidade pode ser evitada com certas precauções higiênicas de asseio e de alimentação, é de esperar-se que o inevitável progresso da civilidade e do bem estar a reduzam aos mínimos termos.

Como é de se esperar que, crescendo um pouco a instrução, vir-se-á a saber que a medicina, a cirurgia, a obstétrica, a higiene e a farmacia são ciências puras. Então, abandonando o ceticismo e o fatalismo hoje dominantes, melhor apreciado o valor da vida, compreender-se-á que as funções sanitárias não podem e não devem ser exercidas, como hoje o são, pelas comadres ou compadres, e as zonas de origem italiana terão médicos, parteiras, farmácias, hospitais, pessoas e coisas que hoje necessita procurá-las em Indaial e em Blumenau, vale a dizer, a 25 e a 50 quilômetros de distância.

Notável é a fecundidade também entre os colonos de origem italiana; e esta fecundidade parece antes um fenômeno natural devido à influência direta do clima do que um fenômeno social dependente da abundância de meios de subsistência. Casais maduros, que há anos haviam cessado de proliferar em Itália — sua ignorância e sua religiosidade exclui que poderia ser por meios Malthusianos — recomeçaram aqui prazerosamente. É muito comum encontrar uma dúzia de filhos ao redor de esposos ainda jovens e se me parece que em média pode-se contar um filho em cada dezoito meses.

Enquanto que nestes lugares novos existem poucos habituados

a comodidade das cidades européias, pode-se afirmar conscienciosamente que o proletariado agrícola encontrou aqui condições de vida muito melhores daquelas abandonadas na terra de origem. Esta não é uma apreciação subjetiva, mas é uma convicção dos colonos em geral. Nenhum deles voltaria as «amate sponde» para viver ali ainda nas condições econômicas do passado.

Terminando esta apresentação sumária da população de língua italiana, depois das objetivas considerações que registrei para memória e para estímulo às novas gerações, concluirei com uma apreciação pessoal.

O Dr. Hermann Blumenau, co-

nhecedor de homens e de coisas, acolheu prazerosamente a colonização italiana, considerando-a como um elemento de progresso para a colônia por ele fundada aos colonos italianos foi sempre bom e entre os velhos trentinos sua memória é sempre respeitada. Eu penso que o Dr. Blumenau não se enganava e que malgrado as deficiências apontadas, a população de origem italiana, pela inteligência, pela atividade, pela qualidade social e especialmente pelas atitudes latentes que o tempo deve desenvolver, é e será um excelente enxerto na árvore majestosa da grande pátria brasileira.

DR. GIOVANNI ROSSI

A hora mais solene e bonita do Dr. Hermann Blumenau

(Dedicado às filhas do fundador de nossa COLÔNIA: Christine e Gertrud, por Emma Deeke)

Domingo de manhã! Ainda sonhava o idílico jardimzinho, nas suaves margens verdes e águas tranquilas do pequeno Garcia, e primeiros raios do sol. Foi então que silenciosamente abriu o portão e entrou vestido com a jaqueta Baieta azul brilhante, na cabeça grisalha o barrete de veludo negro, tendo no braço esquerdo um cesto e a mão direita armada com uma tesoura de jardinagem, o colonizador Dr Blumenau.

Uma alegria tranquila pairava em seu semblante enrugado preco-

amente, pois ia ao encontro da hora de descanso mais solene.

Devagar passava entre os canteiros, examinando cuidadosamente cada flor, que ainda brilhava com milhares de gotas de orvalho, da bela manhã. Como se estivesse numa floricultura, passeava entre elas, onde diante dos olhos de seu mestre, estavam expostos os mais belos exemplares: rosas, cravos, lírios, esporeira, heliotropo, crisântemos, violetas... dali era preciso escolher o que havia de mais belo, para levá-las como cumprimento ma-

tinal de domingo à sua esposa e mãe de seus filhos.

Com esta dádiva de Deus, era a única coisa que podia ofertar à sua esposa aqui na margem da floresta, numa manhã de domingo. Com elas poderia enfeitar o seu modesto lar!

Examinando antes cada exemplar cuidadosamente, hoje só as mais belas eram escolhidas. Passou-se algum tempo neste exame, até que finalmente o cesto estivesse cheio.

No alto estendia-se um céu claro e brilhante, uma leve brisa agitava levemente as folhas das palmeiras e misturando-se a este leve movimento o canto dos pássaros, sobressaindo o do sabiá.

Nesta suave e solene paz de domingo, todas as preocupações da labuta diária, estavam afastadas da mente deste velho homem, que se entretinha com suas flores e um grande agradecimento e alegria enchia o seu peito.

É verdade, muito não podia oferecer aqui à margem da floresta, à sua jovem esposa, acostumada a uma vida confortável. Mas este momento solene do domingo de manhã, ninguém podia roubar-lhe; este somente a ele pertencia e à sua esposa, esta figura de mulher que abandonara tudo para acompanhar o homem já maduro, atra-

vés dos mares para a floresta brasileira, para aqui longe da pátria, acompanhá-lo na tarefa árdua e tornar seu lar aconchegante.

E como um ser regamente recompensado, foi ao encontro da esposa que neste momento saía do portão, acompanhada das duas filhas Christine e Gertrud e, silenciosamente, estendeu-lhe as flores. Quem sabe, gostaria de ter dito algumas palavras do que lhe ia na alma, mas seus lábios não se abriram.

E outra vez foi ele o presenteado. Por cima das belas flores encontraram-se seus olhares. O mais profundo entendimento e mais belo acontecimento dominical de duas grandes pessoas solitárias.

Já se passou mais de meio século. E mais outra vez, um portão vai se abrir diante dos nossos olhos.

Mas agora logo vai anoitecer. Dr. Hermann Blumenau e sua fiel esposa, já há anos descansam em paz. Mas antes que anoiteça, as duas filhas Christine e Gertrud, querem ainda fazer uma visita à sua terra de nascimento, seu paraíso de infância: Blumenau, o monumento vivo de seu imortal pai.

E o portão belamente enfeitado, aguarda este momento solene, e Blumenau inteira grita unísono: Bem vindas! Bem vindas à pátria e à casa paterna: BLUMENAU.

Tradução: Edith Sophia Eimer.
Fonte: Wille's Kalender — 1938,
editor Otto Wille - Blumenau-SC)

ECONOMIA NA HISTÓRIA

DER URWALDSBOTE

Nº. 21.

Sábado, 14 de dezembro de 1901

Ano 9

Questões Econômicas atuais

Associação Comercial (I)

Seria errado procurar as causas da atual crise econômica que sofremos, só em nossa situação local. Nós ao contrário encontramos em todo o Brasil semelhantes conjunturas desfavoráveis. Pode-se em certo sentido falar de uma decadência econômica universal, que atinge todo o mercado mundial. Depois de um período de ascensão, que continha muito de insanidade, aconteceu a reação e a teoria da crise, pela qual se repete regularmente este jogo na vida econômica dos povos, recebeu novamente uma confirmação. É a velha história que já aconteceu há milhares de anos no bendito Vale do Nilo, após sete anos de fartura seguem sete anos de miséria. O combate à crise se tornou portanto, a divisa de nossos tempos. Todo mundo se ocupa com este problema para encontrar um antídoto eficaz, mas infelizmente os resultados até agora foram sem sucesso.

A opinião, de que nossas condições locais tenham em parte culpa na queda do preço de nosso produto de exportação, realmente não se pode negar. Nossas pequenas empresas esfaceladas, o mal canceroso de nosso método econômico, a nossa indiferença frente a uma crescente e perigosa concorrência (para manteiga — Minas e

Argentina, para banha — América do Norte), nosso constante insistir nos velhos métodos trazidos, nossa pouca capacidade de adaptação aos desejos expressados por nossos compradores, enfim nosso persistir teimoso na forma primitiva de produção e de empresas, tudo isto certamente contribuiu para a desvalorização de nosso produto de exportação. Mas não podemos também esquecer, que as citadas desfavoráveis conjecturas e seus consequentes reflexos, assim por exemplo principalmente o baixo poder aquisitivo do público, fizeram a sua parte para agravar a crise. Existe um encontro de diversos momentos que atuam na mesma direção, isto é, dificultar o consumo de nossos produtos.

Nos tempos de declínio econômico é sabido, que a crença milagrosa no efeito de surgimento de inovação é mais forte. Esta sentença também se fez sentir em nossas pequenas condições. Diversos meios de cura foram sugeridos por vários lados, mas no ponto principal as opiniões divergiam, um propunha isto, outro aquilo. Perdia-se em miudezas e faltava a visão para o conjunto, para o bem grande. Mas verdadeiras reformas só podem ser feitas com um plano uniforme e avanço objetivo.

Por este motivo, ficamos contentes que o: «Kulturverein» interveio neste movimento, colocando-se na ponta do mesmo. Desta forma, foi criada uma central, que podia agir sugestivamente para diversos lados, e o perigo de desintegração foi até certo grau afastado.

À sugestão da Kulturverein vemos em primeiro lugar a fundação da «Associação Comercial» local, uma associação que pode contribuir em muito para uma melhora da situação econômica. Infelizmente a mesma é vista com desconfiança infundada na Colônia, como se a União dos comerciantes visasse explorar os colonos sistematicamente. Temos como resposta que a Associação Comercial visa enfrentar práticas comerciais pouco limpas. Por certos lados também se procura estabelecer entre colonos e comerciantes um contraste artificial, uma espécie de luta de classes que não se justifica absolutamente em nossas condições. Expressões, como «forma de produção capitalista», «exploração da força humana de trabalho» etc. foram repassadas para as condições blumenauenses sem nenhum sentido sensato. Não temos proletariado, camponês, nem industrial, como também não temos capitalistas. Aqui sobressai a pequena empresa e o pequeno agricultor, o pequeno artífice, o pequeno comerciante. Mesmo os nossos chamados «grandes comerciantes» só são grandes em comparação aos pequenos comerciantes que os cercam.

Quem conhece nossa vida econômica, sabe muito bem que comerciantes e colonos dependem um do outro, e que ambas as partes têm motivos em conduzir esta condição mútua, para um bom e permanente termo. Mas quem aqui

fala de exploração capitalista, demonstra sua incapacidade em julgar claramente as verdadeiras condições, entre colonos e comerciantes, para tirar algum proveito.

Levianos, que de qualquer novidade logo esperam a realização de todos os seus desejos, de forma que para o futuro não resta mais nada a fazer e estes naturalmente serão frustrados pela «Associação Comercial.» O lucro de sua atividade só aparecerá aos poucos, sua existência em si não significa nada, somente seu trabalho com o tempo poderá trazer frutos.

Nossa vida comercial sofre de uma visível falta de trabalho conjunto proveitoso. Cada um pensa de ter as melhorias máximas para poder erguer seu negócio, muitos procuram iludir seus concorrentes, procurando derrubá-los. Com tudo isto se apresentam os famigerados golpes comerciais, como o aumento de preços, pegar freguesia etc. que não raramente refletem perigosamente na vida comercial. Tal atitude comercial não é saudável e sim, prejudicial. Aqui a Associação Comercial é a instância indicada para intervir, reformar e promover o cuidado do sentimento de solidariedade.

A Associação Comercial visa criar para nosso, o produto de exportação, melhores condições de mercado. Preciso por isto intervir por uma melhora de nosso principal produto de exportação, que é a manteiga. Aqui temos que frisar de que o pequeno vendeiro como exportador trouxe prejuízos enormes a todo mercado. Independente de que investia seu dinheiro economizando com dificuldade, também através de mal manuseio e embalagem prejudicou muito a fama da «manteiga nacional». A

manteira nacional foi oferecida como graxa para as carroças!

O que não queremos ignorar — foram feitos esforços conjuntos em melhorar a qualidade da manteiga. Mas quem se responsabiliza, que com o crescente aumento do preço da manteiga, não se recaia na prática prejudicial antiga, que tem o privilégio de ser mais prática? Só uma Associação Comercial determinante, pode estabelecer certas normas para a exportação da manteiga e fazer um controle rigoroso, (de acordo com o modelo da banha determinada a exportação no Rio Grande do Sul). Com isto voltará também a confiança em nossos círculos de mercado e, nós voltaremos a alcançar constantes preços bons ou pelo menos, normais.

O que o nosso comércio de exportação tem de fazer e lutar é com o negócio de comissão nos locais de mercado. Por conta destes correm principalmente os grandes prejuízos que nossas firmas de exportação sofreram nos últimos anos. O negócio de comissão é para um artigo como a manteiga, que obtém consumo rápido, algo não muito objetivo. Além disto o caráter do negócio de comissão em muitos casos não é preservado em absoluto. Em vez de prestar contas imediatamente depois da venda da mercadoria, o comissionário deixa o fornecedor esperar por meses, já que o mesmo não tem possibilidades de controle e este mesmo comissionário especula com o dinheiro ao qual ele absolutamente não tem direito. E se hoje a manteiga tem um mercado ágil, o preço no entanto não corresponde ao valor, então se pode igualmente responsabilizar por isto o negócio de comissão. Sob a influência insalubre do negó-

cio de comissão naturalmente também sofre o colono como produtor da manteiga.

Nós estamos cientes das dificuldades que teremos ao enfrentar com decisão este mal canceroso de nosso comércio de exportação. No entanto, uma Associação Comercial pode fazer muito mais do que um simples comerciante. Não está absolutamente excluído que através de uma representação unida e enérgica se possa eliminar pelo menos, os exageros do negócio de comissão.

Além disto a Associação Comercial terá que criar para o comércio local melhores e mais baratas condições de comunicação e reduzir assim os fretes e provisões que hoje são demasiados altos. Precisa ter um olho vivo, as medidas legais e administrativas no Estado e Município, desde que atinjam interesses comerciais e promovam utilidades, e impeçam as medidas prejudiciais. A Associação Comercial será vista como o lugar seguro para informações fidedignas sobre nossas condições comerciais (sobre rentabilidade de vias férreas, empresas industriais etc.) mas mesmo assim o campo de atividade nem de longe estará esgotado, pois com sua ampliação também virão outras obrigações, que exigem soluções de conhecimento.

No programa de trabalho aqui rapidamente esboçado a respeito da Associação Comercial, se verifica que ela, apesar de servir em primeira linha aos interesses comerciais influencia igualmente benefícios em círculos mais amplos de nossa vida aquisitiva. Isto provavelmente numa redução do malféfico negócio de troca que ainda floresce em nossa colônia. Comer-

ciante e colono estarão bem melhores nos negócios a dinheiro, e assim reduz-se o mútuo receio da exploração mútua. Se os esforços da Associação forem compensados e alcançarem melhores mercados e preços para nossos produtores e

produtos, terão vantagem como também os comerciantes. Este objetivo só pode ser alcançado com as forças unidas. Também os colonos precisam se mover, não devem ficar inativo. Sobre isto na próxima vez.»

Aconteceu...

Setembro de 1991

— **Dia 1º.** — Correspondência recebida em n/redação informava sobre a nomeação e posse, nas funções de diretor da Editora da UFSC, do aplaudido escritor Prof. Alcides Buss, em substituição ao escritor Salim Miguel, que requereu sua aposentadoria. Ao caro colega Prof. Alcides Buss, os nossos votos de profícua administração à frente daquele importante setor de cultura da UFSC.

— A imprensa destaca a importância da solenidade de inauguração, realizada no dia 31/10, da pavimentação da rua Bahia, antiga aspiração da população daquele bairro. A solenidade foi presidida pelo governador Wilson Kleinubing que, na oportunidade, ressaltou a sua promessa de asfaltar a rua Gustavo Zimmermann.

— Às 10 horas, no Pavilhão «C» da PROEB, teve prosseguimento a visitação às instalações da Semana Verde, inaugurada solenemente no dia anterior (31).

— Às 17 horas, a Banda Sinfônica da Polícia Militar de S. Catarina, apresentou um concerto na Concha Acústica da Prainha da Ponta Aguda.

— **Dia 2** — Com Alvorada Festiva, foi solenemente inaugurada a Praça Heinz Geyer, à rua Nereu Ramos, 1100. A Alvorada musical esteve a cargo da Escola Superior de Música, às 7 horas da manhã.

— Às 9,00 horas, após um culto ecumênico no Mausoléu Dr. Blumenau, realizou-se o desfile das sociedades de atiradores em homenagem ao aniversário de fundação de Blumenau.

— Às 11,00 horas, realizou-se a solenidade de inauguração das novas instalações da agência da Caixa Econômica em Blumenau, localizada à rua 7 de Setembro, esquina com a Presidente Kennedy.

— **Dia 3** — Em continuação às homenagens à Semana da Pátria, foi realizado, na Igreja Evangélica do centro Garcia, um concerto de órgão, e trompete, por Heinrich Wilhelm Borgert e Rubens Cláudio de Souza.

— Às 21 horas, aconteceu a Abertura do Primeiro Seminário do Ministério Público e Meio Ambiente, tendo por local o Viena Parque Hotel.

— **Dia 4** — Às 17 horas, foram inaugurados quatro novos chalés para idosos, na Casa São Simeão no bairro Escola Agrícola.

— Às 20,30 horas, aconteceu o espetáculo «Noite do Artista Blumenauense», no Pavilhão C da PROEB.

— No Teatro Carlos Gomes, às 20,00 horas, realizou-se o Concerto de Música Eletrônica Roland, no auditório do Teatro Carlos Gomes.

— **Dia 5** — Às 20,30 horas, no Teatro Carlos Gomes, a pianista Eudóxia de Barros apresentou um aplaudido concerto de piano.

— **Dia 6** — Em comemoração à Semana Verde, o Conjunto de Câmara de Porto Alegre deu excelente audição no Pavilhão «C» da PROEB, local em que funcionou a instalação do mostruário relativo à mesma.

— **Dia 7** — Com um bem elaborado programa de festividades, a Comunidade Evangélica de Itoupava Central registrou a passagem de seus 108 anos de fundação.

— Às 20,30 horas, no Teatro Carlos Gomes, realizou-se o concerto do Conjunto de Câmara de Porto Alegre.

— O prefeito Victor Fernando Sasse presidiu a solenidade de inauguração de 3 novas salas de aula na Escola Básica Municipal Pedro II, com uma área construída de 144m², em cuja obra a prefeitura aplicou 5.577 milhões de cruzeiros.

— Após a alvorada festiva na Praça Victor Konder, aconteceu o desfile Cívico-Militar em homenagem ao Dia da Independência.

— **Dia 10** — Às 20 horas, no Saguão da FURB, realizou-se a solenidade de abertura da Terceira Edição de o VERDE DA NOSSA TERRA, uma promoção da Universidade de Blumenau através da sua Divisão de Promoções Culturais

— **Dia 13** — Na sede do Serviço Social do SESC, à rua Amadeu da Luz, às 20 horas, a artista Luciana Sada de Amorim inaugurou bela exposição de desenhos de sua autoria, recebendo francos aplausos e vastos cumprimentos.

— **Dia 15** — O Jornal de Santa Catarina estampa em sua página nº. 13, ampla entrevista concedida pelo prefeito Victor Fernando Sasse sobre a sua administração na prefeitura de Blumenau.

— No Teatro Carlos Gomes, às 20,30 horas, realizou-se o espetáculo com Rita Lee, a consagrada cantora da bossa nova e do Rock.

— **Dia 17** — No Clube de Caça e Tiro Testa Salto, realizou-se o grande espetáculo com a apresentação da Banda Alemã Schwarzwälder Hochwald, procedente da região da Floresta Negra. A banda, com 40 componentes, foi vastamente aplaudida nesta única apresentação em Blumenau, numa excursão de 16 dias realizada pelo Brasil, atingindo Curitiba, São Bento do Sul, Blumenau e Porto Alegre. A famosa banda, foi fundada no ano de 1887.

— Sob os auspícios da Fundação Cultural de Rio do Sul, Galeria Municipal de Arte Curt Schroeder e apoio do Espaço de Arte Açu-Açu de Blumenau, realizou-se solenemente a abertura da Exposição de Pinturas do aplaudido artista plástico Érico da Silva e noite de autógrafos com os autores Apolônia Gastaldi e seu livro «A Força do Berço» e Martinho Bruning com «Textos Mínimos». O acontecimento revestiu-se do mais completo êxito.

— **Dia 18** — Um violento temporal que se abateu sobre Blumenau, deixou sua marca nos bairros de Fidelis, Fortaleza e Itoupava Central, nos quais as chuvas foram mais intensas, inclusive o vendaval. Como resultado, numerosas casas foram destelhadas, felizmente sem haver ocorrido vítimas.

— **Dia 19** — Na Galeria Municipal de Artes foi inaugurada a exposição de pinturas da aplaudida artista blumenauense Rose Darius. A mostra contou com 50 obras.

— **Dia 21** — No Centro Cultural 25 de Julho, em comemoração ao Dia da Árvore, realizaram-se diversas solenidades, com plantio de árvores, destacando-se, no entanto, o Concerto da Primavera, com a participação do Coral da UFSC, especialmente convidado e do Coral Misto daquela Sociedade. Uma noite inesquecível de muita beleza e emoção.

— Com a presença do prefeito Victor Fernando Sasse, o diretor do SAMAE, Carlos Wacholz, procedeu a inauguração do serviço de Captação e distribuição de água da rua Paulo Eberhardt, na Vila Iná, às 11,00 horas.

— Às 16,00 horas, o prefeito e o diretor do SAMAE inauguraram também o sistema de bombeamento e distribuição de água da rua Hermann Barthel, no bairro da Velha Central.

— Com diversas solenidades, inclusive plantio de árvores, tiveram início em Blumenau as comemorações da Festa Anual da Árvore e da Semana de Defesa dos Animais. Houve muitas manifestações solenes, com a participação destacada de escolares.

— **Dia 22** — Comemorando os seus 10 anos de formação, a Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes, de Blumenau, apresentou um belíssimo concerto, no qual repetiu as obras que haviam sido apresentadas quando do 1º. concerto há dez anos.

— A Associação de Música Camerata Vocale e a Associação Coral Vila Lobos, de Itajaí, uniram-se num maravilhoso concerto a 80 vozes, no Teatro Carlos Gomes, apresentando um selecionado programa.

— Foi festivamente comemorada a passagem dos 20 anos de circulação do Jornal de Santa Catarina e que culminou com um concorrido banquete no Tabajara Tênis Clube.

— **Dia 26** — Foram premiados, em solenidade presidida pelo prefeito Victor Sasse, os alunos vencedores do Concurso Motorista Nota 10. Participaram alunos de 35 escolas, de 1ª. à 8ª. séries.

— **Dia 27** — O Dia do Idoso foi festivamente comemorado na Casa São Simeão, tendo como um dos pontos de destaque, a visita de crianças que lá foram cumprimentar os idosos que lá residem.

— Foi encerrado o XIV Festival Universitário da Canção, que, mais uma vez, alcançou o mais completo sucesso em participação do público e músicas apresentadas.

— **Dia 30** — Solenidade que contou com a presença de autoridades e grande número de populares, foram inauguradas as obras de restauração da ponte «Irineu Bornhausen», na Itoupava Seca. Na obra, foram aplicados Cr\$ 162.952.585,40.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Pastor Frank Graf
Vice-Presidente — Aíga Barreto Müller Hering

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann — Friederich Ideker — Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfred Bubeck — Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saade — Hans Martin Meyer.

DIRETOR ADMINISTRATIVO — José Gonçalves

DIRETOR DE CULTURA — Ana Holzer

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA